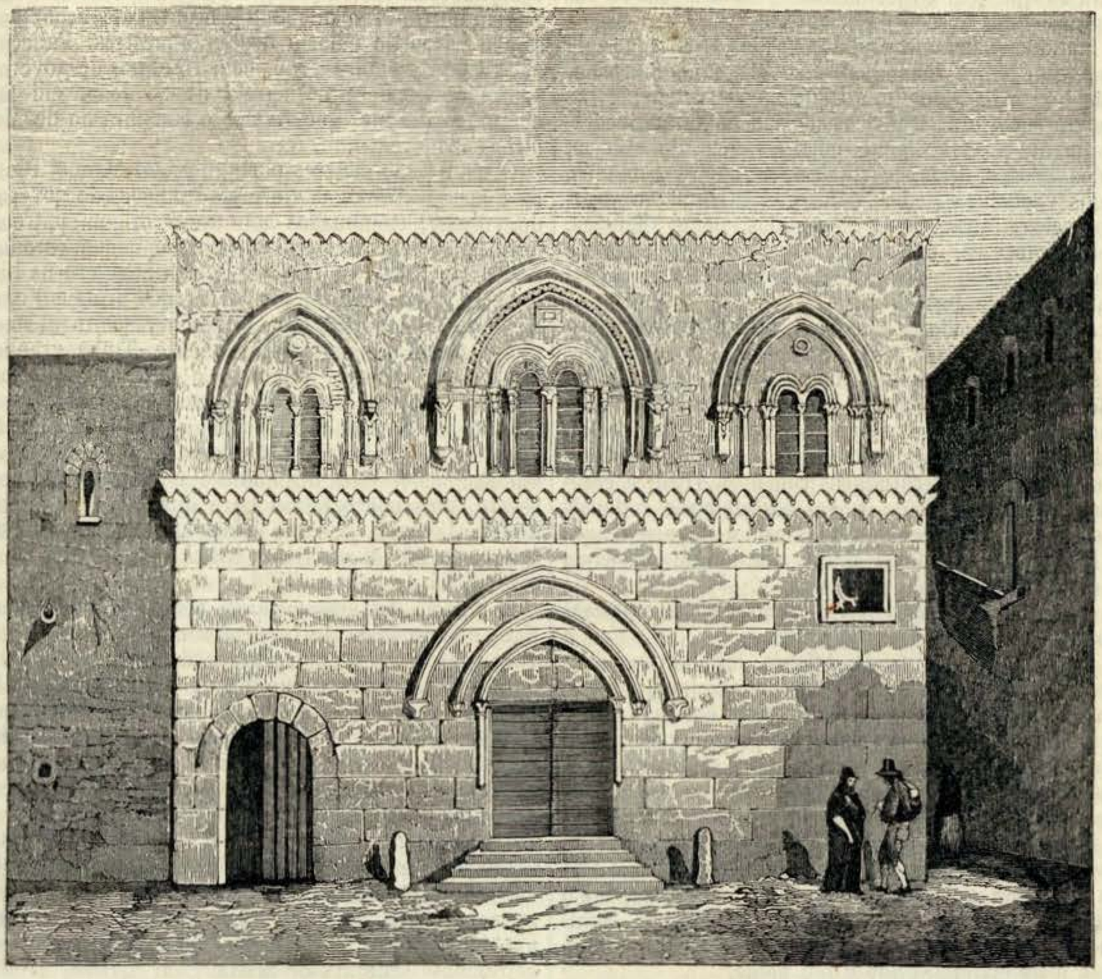


Ilha de Malta. Palacio dos grão-mestres.

Rochedo isolado no meio do Mediterraneo, queimado pelo sol d'Africa, offerecendo aos olhos desconsolados planicies sem sombras, exhaurindo-se para nutrir durante poucos mezes do anno uma população condemnada á miseria, tal é Malta.

Entretanto o nome d'esta ilha está escripto na historia com indeleveis caracteres. O renome tambem tem, como a fortuna, seus privilegios, e salva da obscuridade o que parecia condemnado a eterno esquecimento. É elle que envolve em gloriosa aureola uma pobre aldêa da Judéa; são os seus caprichos que associam a ilha de Santa-Helena á celebridade do maior homem dos tempos modernos.

Situada em 35° 54′ 21″ de lat., e 33° 40′ de long. a ilha de Malta tem pelo norte a Sicilia, de que apenas é separada por um canal, pelo sul o reino de Tripoli, a leste o mar que banha as praias de Candia, a oeste as ilhas de Pantalaria, de Linosa e de Lampadosa. Assim está Malta d'algum modo posta entre os limites d'Africa e os da Europa, entre o mundo oriental e a civilisação do occidente, situação maravilhosa, que assegura a este antigo bairro da christandade uma elevada importancia politica. Foi o que Bonaparte comprehendeu bem, quando quiz fazer de Valetta uma escala no caminho para o Egypto; foi o que depois comprehendeu o governo inglez, quando dirigiu contra a nova colonia franceza a força das suas esquadras. A occupação de Malta pelos inglezes foi um corollario da posse de Gibraltar: uma dava á Inglaterra as chaves do Mediterraneo, a outra consolidava a sua preponderancia no oriente, e facilitava-lhe sentar-se defronte da Italia, e vigiar com toda a segurança os movimentos das potencias europeas.

As guerras do ultimo seculo, e as com que começou o actual, tiveram admiraveis resultados, e produziram singulares anomalias na divisão geographica dos estados. A intervenção diplomatica, depois do triumpho da força, separou o que a natureza tinha unido, e tornou entre si hostis elementos logicamente homogeneos. Entre numerosos exemplos de despotismo das circunstancias politicas, póde apontar-se a ilha de Malta como um dos mais notaveis. Não pareceria mais racional que esta ilha fosse annexa ao reino de Napoles, de que apenas dista algumas poucas legoas? Não está a terra da Sicilia chamando, como por uma irmã gemea, aquella em que se levanta a cidade Victoriosa? Quando Carlos V deu Malta aos cavalleiros de Rhodes respeitou este parentesco geographico, estipulando condições, que trazem á memoria e consagram a suzerania de Napoles sobre esta colonia. Este ultimo laço foi duas vezes violentamente quebrado pela conquista em 1798 e 1800. Seria para nunca mais se atar?

Á excepção de dois mezes no verão, o clima de Malta tem pouco mais ou menos os mesmos encan-

tos que o da Italia meridional. Alli onde crescem laranjeiras ha sempre madrugadas temperadas e doces noites, depois de dias ardentes; dobrado attractivo para os que tem experimentado, ou desejam as voluptuosidades do ceo do oriente.

Malta é pobre em producções dos tres reinos da natureza, pobre em industria, pobre em commercio. Não tem mais valor que o que lhe dá a sua posição geographica, e as tradições da sua historia. Successivamente possuida pelos pelasgos, pelos phenicios, pelos gregos, pelos carthaginezes, pelos romanos, pelos vandalos e godos, pelos gregos do baixo-imperio, pelos arabes, pelos normandos, pelos allemães, pelos francezes, pelos hespanhoes e cavalleiros de Rhodes, passou a ser assento e apanagio da ordem de S. João de Jerusalem.

Alguns mercadores de Amalfi, no reino de Napoles, fundaram na cidade santa, por meiado do XI seculo, o estabelecimento que foi berço da ordem de Malta. Alcançando do kalifa do Egypto auctorisação para construir em Jerusalem um hospicio e uma capella, sob a invocação de Santa Maria a Latina, veiu esta a ser a egreja dos catholicos romanos. D'ahi a creação d'uma confraria de irmãos hospitaleiros, e depois a da ordem. De Jerusalem passaram a Chypre, d'aqui a Rhodes, de Rhodes a Malta, que lhe foi concedida e dada em soberania por Carlos V.

Faremos aqui particular menção dos grão-mestres portuguezes que houve na ordem.

O XI grão-mestre foi D. Affonso, filho natural d'el-rei D. Affonso Henriques, sendo provavelmente eleito em 1194, como affirma a maior parte dos historiadores. Mal começou o seu governo, preparou a reunião d'um capitulo geral em Margat, para se assentar nos meios de pôr cobro aos abusos introduzidos na ordem. Decretou providencias rigorosas contra o luxo e immoralidade dos cavalleiros; mas esta severidade lhe acarretou a inimizade dos que assim feria, e viu-se obrigado a abdicar. Retirou-se a Portugal em 1204, e morreu no 1.º de março 1207. Estava sepultado na egreja de S. João de Alporão, em Santarem, sem mais epitaphio que o seu nome.

O LIV grão-mestre, Luiz Mendes de Vasconcellos, que fôra ballio de Acre, tambem portuguez, o 2.º que teve o titulo d'alteza, não occupou o throno mais que cinco mezes. D'elle diz o nosso escriptor fr. Lucas de Santa Catharina nas *Memorias da Ordem Militar de S. João de Malta*, pag. 76: — « N'estes exercicios (*de todos os cargos da religião*) conheceram, e veneraram com especial experiencia a sua prudencia capacissima (nas funcções de importantes embaixadas) a coroa franceza, e a curia romana, como seu valor as occupações militares, que lhe puzeram na mão o bastão de general das galés, não conseguindo menos gloria n'aquellas, facilitando os negocios, que n'estas, repetindo os triumphos. Assim parece, que contendiam sempre o Sago, e a Toga, sobre qual lhe serviria mais vezes de gala. » Falleceu em 16 de março 1623.

O LXV grão-mestre, portuguez, D. Antonio Manoel de Vilhena, nascido em Lisboa em 28 de maio 1663, foi eleito por unanimidade de votos. Foi no seu tempo que se completaram as fortificações de Malta. Ha um forte, obra sua, com o seu nome (forte Manoel), e um bairro (Vilhena) por elle edificado. Sustentou gloriosas guerras, e colheu numerosos triumphos. Todo o Mediterraneo infiel tremia das suas armadas; todos os soberanos da Europa o respeitavam. O papa Bento XIII honrou-o com a offerta do estoque e casco bentos, distincção rarissima; D. João V agradeceu-lhe a embaixada, que lhe mandou em quatro náos de guerra, com o presente de muitas peças d'artilharia para o seu forte recem construido; Luiz XIV tratava-o com particularissima amizade. Malta deve-lhe grande numero de monumentos. A cada passo se encontram alli provas da boa memoria que deixou. No meio da praça do forte se lhe erigiu uma estatua com honrosa inscripção gravada no pedestal (vid. *Diario do Governo* de 1838), e outra de bronze na sala d'armas do palacio dos grão-mestres. Falleceu em 12 de dezembro 1736, com 15 annos de governo supremo. Repousa na egreja de S. João, em tão magnifico tumulo, que Avalos o compara ao de Medicis em Florença.

O LXVII grão-mestre, portuguez, foi Manoel Pinto da Fonseca. Talvez as gloriosas tradições do governo de Vilhena, combinadas com a sua origem patronimica, não concorressem pouco para a sua escolha. Eleito em 1741, esta data assignala nova era na historia da ordem. Era dotado de vontade firme e d'uma elevação de caracter, que infundia respeito até aos que o tratavam mais familiarmente. Tinha grandes qualidades, grandes talentos, e alguns dizem que tambem não era isento de vicios. Entretanto os soberanos da Europa tratavam-no com a consideração devida á sua habilidade. Até uma republica pensou em lhe ceder uma dispendiosa e mal segura possessão, pois pouco faltou para que Genova lhe cedesse a Corsega, já então cobiçada pela França. Este grão-mestrado durou trinta e dois annos. Pinto morreu em 24 de janeiro 1773.

O palacio dos grão-mestres, residencia d'estes antigos soberanos de Malta, representado na nossa gravura, não tem exteriormente nada de notavel, além da grandeza das construcções de que se compõe. As salas são porém vastas e magnificamente decoradas. Os que o visitam, correm salas immensas ornadas de columnas de marmore branco, e pinturas de grande belleza. A sala d'armas está cheia de tropheus grupados com gosto, e de effeito mui pittoresco. A galeria dos grão-mestres não é a parte menos interessante d'esta morada de principes. As artes plasticas tem alli mui admiraveis productos; mas outras riquezas, ouro, prata, e joias, que alli tambem havia, levaram-nas os francezes, quando foram passageiramente senhores de Malta.

Concluiremos com alguns paragraphos ácerca de Malta, tirados da breve, mas interessante relação, que o nosso amigo Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, secretario do governo geral da India, fez da sua viagem *De Lisboa a Goa pelo Mediterraneo, Egypto e mar Vermelho em setembro e outubro de* 1855 (Nova Goa: 1856).

« Apenas o viajante toca no caes de Malta, estende-lhe urbanamente a mão, e o ajuda a saltar em terra um homem vestido com certa decencia, que se desfaz em cortezias, e d'alli por diante o segue por toda a parte, como a sombra segue o corpo. Este individuo é o guia, ou *cicerone*, como dizem os italianos. O *cicerone* falla todas as linguas, ou presume que as falla; conhece todos os cantinhos da cidade; e explica a seu modo a historia e antiguidades da terra. Ganha em Malta 10 shillings (meia libra) por dia, e tem jus a este salario ainda que vos sirva um só quarto de hora, porque (diz elle) *la journée est perdu*. O *cicerone*, que a sorte me deparou, era um moço francez, que me serviu com toda a pontualidade. Conduziu-me ao hotel imperial, para onde tambem se dirigiram os demais portuguezes, e grande numero de outros passageiros do vapor. Tendonos lavado e almoçado, fomos ver a terra, e começámos pela cathedral, antiga casa capitular da illustre ordem de S. João de Jerusalem. A elegancia e sumptuosidade d'esta magnifica egreja não é facil de descrever. Sobre tudo o pavimento inteiramente coberto de campas entalhadas de mosaico finissimo, com os brazões e epitaphios dos mais celebres cavalleiros da ordem, é cousa muito para ver-se e admi-

rar-se. Mas o que para mim foi ainda mais para ver e admirar, foi achar quasi em cada epitaphio a memoria de algum cavalleiro portuguez. Parecia-me estar n'uma egreja de Portugal. Bem quizera eu poder aqui mencionar todas essas memorias, mas a rapidez necessaria da visita mal me permittiu colher um ou outro apontamento. Não descreverei os dois sumptuosos mausoleus dos grão-mestres D. Antonio Manoel de Vilhena e Manoel Pinto da Fonseca, ambos na mesma capella do lado da epistola; nem tão pouco o do grão-mestre Luiz Mendes de Vasconcellos na capella subterranea. Estes tres tumulos, e as acções dos celebres grão-mestres, cujas cinzas encerram, estão mencionados nas relações de todos os viajantes, e em grande quantidade de livros.

« No corpo da egreja deparei tambem com as campas de fr. Melchior Alvares Pereira Pinto, balio de Lessa, e fr. José Pereira Pinto, grão-chanceller da ordem; e se mais tempo tivera, muitas mais memorias portuguezas encontrára.

« Deixando a cathedral, e caminhando pela cidade a cada passo se descobrem outros monumentos e obras de portuguezes. Aqui o soberbo palacio, chamado de Castella, fundado pelo grão-mestre Manoel Pinto da Fonseca; alli o forte *Manoel*, acolá o theatro *Vilhena*. Finalmente não ha obra grande em Malta, a que não esteja associado o nome de algum illustre portuguez. Se entraes no palacio do governo, antiga residencia dos grão-mestres, ainda alli vereis mil vezes repetidos os retratos de Vilhena e de Pinto; e lá vos dirão que a este deve o palacio grandes melhoramentos. A escada é de singular architectura, e a sala do conselho ricamente decorada. Nunca se nega n'este palacio a entrada ao viajante; mas preparae alguns shillings para o guarda-portão e para o *cicerone* da casa, porque o vosso ficou no fundo da escada; não lhe é licito subir.

« Temos visto ser Malta tão abundante de monumentos e memorias portuguezas, que seria sem duvida interessante á honra e credito nacional colligil-as e descrevel-as em corpo separado. O volume que se podesse inscrever *Os portuguezes em Malta*, não seria menos curioso que os que tratam das acções dos portuguezes em Africa, Asia, ou America. E tanto mais curioso, quanto resulta da simples comparação das datas que o seculo de maior esplendor portuguez em Malta foi o seculo passado, isto é, exactamente a epocha, em que se tornou sensivel nossa decadencia nas regiões ultramarinas. Poucos mezes bastariam a um homem laborioso para levar ao cabo este trabalho; e não seriam perdidos alguns cruzados, que o governo gastasse em tal empreza. »

DOZE HORAS EM FRENTE DE UM LEÃO.

Ha alguns annos, quando habitava na cidade do Cabo, tive occasião de travar relações com um grande numero d'esses atrevidos negociantes que se empregam n'um trafico perigoso, mas lucrativo, ao norte do rio Orange. A ausencia d'estes individuos prolonga-se algumas vezes dois annos e mais. Vão de uma a outra tribu, com os seus carros e escravos, e só quando tem vendido todas as mercadorias que levam, voltam para Graham's Town ou para o Cabo, conduzindo na sua frente os differentes objectos que compraram, como pennas d'avestruz, pelles de diversos animaes, marfim, e outros artigos de grande preço, que lhes dão um lucro de quatrocentos e quinhentos por cento. A maior parte dos que eu conhecia limitavam as suas especulações ás terras da costa occidental d'Africa, entre o rio Orange, e as possessões portuguezas.

Um dos mais atrevidos, bem como dos mais felizes d'estes negociantes, era um certo Hutton, colono inglez, que conseguira juntar alguma fortuna nas suas excursões entre os namaquas e os dammaras, e que, satisfeito com os resultados, pretendia retirar-se do commercio. Tinham-m'o pintado, não só como homem habil na sua profissão, e destemido caçador, mas tambem como um dos mais intelligentes exploradores da Africa meridional. Conheci-o depois bem de perto, e foi elle quem, em compensação de um pequeno serviço que em certa occasião lhe fizera, me dava todas as precisas informações ácerca do paiz. O serviço não fôra, comtudo, de grande importancia.

Sendo preso um escravo namaqua, que elle trouxera do paiz situado além do rio Orange, alcanceilhe a liberdade por meio dos meus conhecimentos, e nada mais.

Este rapaz tinha o rosto e a figura de um verdadeiro hottentote. Estatura acanhada, pelle de côr baça, olhos encovados, hombros largos e reforçados, e carapinha muito espessa. Era naturalmente calado e grave, exceptο quando bebia licores fermentados, de que elle muito gostava, como quasi todos os seus compatriotas, porque passava então d'um a outro extremo, tornando-se não só animado e fallador, mas até atrevido e bulhento. Acontecia-lhe muitas vezes ter questões, e passar a vias de facto com os pretos ladinos da cidade, que tinham o mesmo prazer em o caçoar, que os veteranos escholares de Londres em desfructar um calouro chegado da provincia. Um dia prenderam-n'o, depois de ter sustentado uma lucta desesperada contra um negro de Moçambique; e ainda que ferido, a policia metteu-o na prisão. O seu senhor, que ignorava tanto como elle as leis e costumes da cidade, veiu ter comigo, e pediu-me que empregasse a minha influencia para o fazer soltar. Alcancei facilmente o que elle desejava, explicando circunstanciadamente ao chefe da policia o motivo da prisão. Apollo (assim lhe chamavam por ironia) foi pois entregue ao seu senhor, passadas algumas horas de prisão, que serviram para o tornar ao seu estado normal. Porém o que muito me surprehendeu n'esta pendencia foi a affectuosa inquietação de mr. Hutton. De que procederia a sua dedicação por aquelle escravo selvagem? Apollo nada tinha de seductor nas suas maneiras, nem no seu exterior. Parecia estimar o negociante, é verdade, mas o seu caracter não era mais agradavel do que a sua physionomia, e a sua intelligencia não promettia muito. Ouvi dizer que mr. Hutton, apesar do seu genio commercial, e da sua paixão pela caça, era honrado e de coração sensivel. Suppuz então que Apollo lhe fosse entregue por seus paes, com a solemne promessa de lh'o tornar a levar em bom estado, e, conseguintemente, que o empenho do negociante provinha do louvavel desejo de não faltar á sua palavra. Achei-lhe razão.

N'essa mesma noite veiu visitar-me para me agradecer. Na conversação dei-lhe a conhecer o meu espanto pela extrema affeição que tributava ao escravo, observando ironicamente que mui excellente moço devia ser o seu namaqua, para tanto merecer.

— Tenho rigorosa obrigação de cuidar n'elle, me respondeu o negociante, porque me salvou a vida.

— Aquelle desastrado? exclamei eu. Affianço-vos que me admiro.

— E comtudo verdade, continuou o negociante. « Ha dez annos, pouco mais ou menos, que o encontrei na margem septentrional do rio Orange. Era então uma criança, quando muito de doze annos, supposto se não possa calcular exactamente a edade dos naturaes do paiz. Tinham-n'o abandonado, cheio de febre e semi-morto, dentro d'uma pequena cabana formada de ramos e herva. Os hottentotes costu-

mam assim abandonar os doentes e velhos que não podem acompanhar a tribu. Esta horrivel pratica, o mais immoral de todos os seus costumes, os tem feito julgar talvez com demasiada severidade, porque em outros pontos não são tão perversos e viciosos como dizem alguns viajantes. Mandei deitar o pobre rapaz n'um dos meus carros, e fiz-lhe tomar quinino e outros remedios. Passados alguns dias, andava já e saltava, como se nunca houvesse estado doente. Disse-me que se chamava Tkuetke. Este nome pareceu-me tão barbaro, que o substitui pelo que actualmente tem, e que é sem duvida um dos mais distinctos. Desde então Apollo acompanha-me por toda a parte, e demonstra-me, como sabe, a sua affeição. Comtudo, é um verdadeiro selvagem. A não ser eu, ninguem ha no mundo que possa governal-o; executa as minhas ordens em quanto lhe lembram, isto é, durante vinte e quatro horas. Rarissimas vezes a sua reminiscencia passa além d'este periodo. Mas o que não posso é fazel-o membro do congresso da paz, e ainda menos da sociedade da temperança, posto que a tal respeito eu lhe dê os melhores exemplos. Bebe sempre que póde, e quando está embriagado peleja como um tigre á menor provocação, unico defeito que tem, pois afóra isso é um rapaz honrado, fiel, e o melhor *seguidor* que eu conheço. Chamâmos *seguidor* ao hottentote ou negro, que anda a cavallo atraz de nós, conduz a nossa espingarda de reserva, e as munições, apanha caça e nos presta outros pequenos serviços.

— Porém creio que antes de lhe deverdes a vida, lhe salvastes a sua, disse eu a mr. Hutton.

— Provavelmente, me respondeu elle, ainda que talvez se houvesse curado sósinho, se não me tivesse encontrado. Os hottentotes e os namaquas resistem muito ás doenças. Só grandes privações e perigosas enfermidades os fazem succumbir. Eis de que maneira Apollo me provou o seu reconhecimento:

« Tinha-me posto a caminho com dois carros e perto de doze criados para Dammara. Dois dos meus escravos eram negros da costa de Moçambique; os outros hottentotes e namaquas assalariados. A maior parte d'elles pertencia a uma feitoria chamada o Velho Schmelen, e situada para cá do rio Orange. Os negros conheciam perfeitamente o paiz, e tinham adquirido no Cabo uma tintura de civilisação. Os outros não serviam para mais do que para guiar os carros; e algumas vezes os limitava a seguirem o rasto da caça. Não obstante conhecerem bem o paiz, no que me prestavam grande serviço, necessitava vigial-os constantemente. Ainda que muito destros no manejo das armas de fogo, como são por natureza excessivamente cobardes, nunca pude alcançar que affrontassem corajosamente algum animal temivel, como um bufalo, ou rhinoceronte. Quanto a um leão, escusado é fallar. Matei dois ou tres rhinocerontes sem receber da minha gente o menor auxilio, á excepção de Apollo, que se conservava valorosamente ao pé de mim em todas as circunstancias, supposto os dentes lhe batessem de medo, e a vista se lhe desvairasse quando nos aproximavamos do inimigo.

« Uma noite fiz alto, continuou mr. Hutton, junto d'uma lagoa, onde os animaes de differentes especies costumavam vir beber. Viam-se os seus vestigios pelas margens. Como os namaquas conheciam bem o terreno, pediram-me para acampar a certa distancia; porque, segundo elles diziam, os leões eram *muito bravos* n'aquellas paragens, e se ficassemos ao pé da lagoa, perderiamos de certo alguns dos nossos bois, e talvez nós mesmos fossemos victimas. Cousa extraordinaria! Quando um leão prova carne humana, fica preferindo-a a qualquer outra. Desdenha todas as presas, logo que apanha um homem. Não me lembrava o perigo que corria a minha gente e os meus bois. Depois de os ter deixado beber á vontade, caminhei perto de duas milhas, e parei n'um pequeno valle, d'onde era impossivel ver-se a lagoa. Accendemos uma grande fogueira para afastar as feras, e deixámos os bois pastar á vontade pelos cabeços verdejantes que nos cercavam. Quanto a mim, desejava ardentemente matar um leão, porque havia dois ou tres annos que não me entretinha com este brinco. Como, porém, não tinha sido muito feliz em algumas partidas de caça á bala, e me julgasse por isso pouco habil n'este genero de divertimento, que exige firmeza de braço, e grande exercicio, sondei quatro ou cinco dos meus criados, incluindo Apollo, para saber se quereriam acompanhar-me n'uma caçada aos leões durante a noite que ia começar. Só tres acceitaram a proposta. Deixámos os outros de guarda aos carros, recommendando-lhes que conservassem o fogo ateado, e vigiassem os bois para que não se afastassem de mais.

« Chegámos á lagoa ao pôr do sol. Como traziamos pás e enxadas, tratámos logo de fazer uma cova na areia, a distancia proximamente de cem passos da agua, com tres a quatro pés de profundidade. Em tôrno d'ella amontoámos a terra extrahida, a fim de melhor nos occultar. No fim de uma hora terminou-se a operação, e mettemo-nos na cova com as espingardas promptas.

« Esperámos debalde toda a noite. Grande numero de animaes vieram beber; só o seu rei faltou. Appareceram springboks, gemboks, zebras, quaggas e outros quadrupedes, porém não perdemos a nossa polvora em atirar-lhes, porque não precisavamos de carne; além de que poderia o tiro espantar os leões, e afastal-os da lagoa. Entretanto nada aproveitámos com a nossa prudencia. Ao amanhecer saímos da emboscada, inteiriçados, de máo humor, e cheios de somno. Nem sequer vimos a sombra de um leão, supposto os ouvissemos rugir ao longe; e foi porque os nossos carros e bois lhes prenderam a attenção, pois segundo soubemos depois, toda a noite andaram em roda d'elles. Os guardas das bagagens estavam verdadeiramente assustados, mas conservaram bastante presença de espirito para atear constantemente a fogueira; os bois tinham tal medo, que se mettiam quasi dentro da fogueira, cujo clarão affugentava os leões.

« Renunciei, pois, á esperança de matar um d'aquelles soberbos animaes; porém não queria voltar para o acampamento sem levar alguma caça, que nos indemnisasse da longa espera. Depois de andarmos algumas toesas vimos um pequeno bando de springboks, correndo e saltando com a precipitação do medo e do terror; sem querer saber o que os assustava, descarreguei os dois canos da minha espingarda sobre o bando, e feri um dos mais gordos. Os pretos seguiram-me o exemplo, mas sem resultado. Apenas havia descançado a espingarda, saiu um enorme leão de entre o mato, e caminhou vagarosamente para nós.

« Fiquei de tal modo surprehendido, que durante alguns segundos, estive completamente immovel, e incerto sobre o que devia fazer. Cem passos era o mais que mediava entre nós e o temivel animal. Reconheci finalmente, que só havia um meio de nos tirar do embaraço. Quando os naturaes do paiz vão em chusma atacar um leão, armados de flechas e facas, costumam assentar-se junto uns dos outros, mal vêem aproximar-se o inimigo. O animal, naturalmente aggressor, escolhe um d'elles para sua presa, e salta-lhe em cima. Algumas vezes o infeliz é victima logo ao primeiro assalto das suas garras; mas de ordinario apenas fica gravemente ferido. Os outros precipitam-se então ao mesmo tempo sobre o animal; alguns seguram-no pela cauda, e o levantam ao

ar, para que não possa voltar-se, em quanto os companheiros o atravessam com as flechas e facas de mato. Na maior parte dos casos, acontece matarem-no sem que um só d'entre elles seja victima; mas tambem algumas vezes o leão fica vencedor, e estrangula dois ou tres caçadores, salvando-se os outros na fuga. Julguei possivel empregar a mesma estrategia. Assentando-nos todos, e mostrando ao animal uma expressão afouta, conseguiriamos talvez intimidal-o, e entretel-o, podendo n'este intervallo carregar a espingarda. « Assentae-vos, assentae-vos! » gritei eu com todas as minhas forças, em quanto ajoelhava e me dispunha a carregar a arma, se para isso tivesse tempo. Porém, olhando rapidamente á roda de mim, vi que a minha gente fugira apenas dera pelo leão, e já tinha subido parte da collina que nos separava do acampamento. Apollo fugira com elles, persuadido, como depois me contou, que eu tambem corria. Oxalá! Ainda que tal me lembrasse, não poderia fazel-o, porque as minhas pernas já não tinham a precisa agilidade. Só quando chegou ao acampamento deu pela minha falta. Até então o medo impossibilitou-o sempre de voltar a cabeça!

« Fiquei, pois, sósinho em frente do leão, e sem meio algum de defesa, porque não só a minha espingarda estava descarregada, mas até não tinha alli a minha faca de matto, porque em quanto faziamos a cova dera-a a Apollo, a fim de trabalhar mais á vontade. Estava completamente desarmado. Julguei-me perdido. « Meu Deus, compadecei-vos de minha mulher e de meus filhos! » exclamei eu, cheio de uma angustia bem facil de comprehender, esperando que o leão saltasse sobre mim. Porém o animal parecia não ter pressa. Dirigiu-se para mim socegadamente, e demorando pouco a pouco o passo; depois, a distancia de doze pés proximamente, parou e estirou-se no chão como um gato, mirando-me muito fito.

(Continúa).

O COLYSSEU.

De tantos monumentos de que o povo-rei ornou a grande capital, e cujas ruinas observâmos com admiração e espanto, poucos tem as proporções e o valor architectonico do Colysseu ou Colosseu, ao mesmo tempo que nenhum de certo representa tão venerandas tradições, pois que alli milhares de christãos sellaram com o precioso sangue a fé, proclamando no meio das impias multidões a verdade da religião do Crucificado.

Comparavam os antigos o Colysseu ou Colosseu ás maiores obras da antiguidade, nem exceptuavam as admiraveis pyramides do Egypto, o templo de Epheso, e os jardins de Babylonia. É na verdade, se o edificio a que nos referimos não tem a valia d'aquelles monumentos, que mereceram a qualificação de *maravilhosos*, é fabrica magestosa e de uma vastidão e custo que só podia ser emprehendida e levada a cabo por um povo tão opulento e tão adiantado em civilisação como o romano.

Foi o imperador Flavio Vespasiano, voltando da guerra da Judéa, que mandou erigir este immenso amphitheatro, primitivamente destinado para combates de gladiadores. Tito o conseguiu concluir no anno 79 da era christã, sendo levantado no logar e com os materiaes do celebre palacio de Nero.

Ha quem diga que o nome de Colosseu lhe veiu da enorme estatua de Nero *(Colossus)* que este imperador fizera collocar no vestibulo do seu palacio, e que Adriano mandara para lá transportar; outros, porém, asseveram que tal nome lhe proviera unicamente das suas colossaes proporções.



Colysseu.

É de fórma elypsoide; a sua circunferencia exterior é de 2:416 palmos, medindo em altura 232 palmos; a face externa é formada por tres ordens de arcadas da ordem dorica, jonica, e corynthia. O logar onde se combatia chamava-se *cavea* ou *arena*, porque era coberto de uma espessa camada de areia fina, para evitar que os gladiadores escorregassem, e para absorver bem o sangue!

A arena tem 425 palmos de comprimento sobre 268 de largura; as muralhas 30 palmos de grossura.

A galeria onde os senadores, principes, magistrados, embaixadores de nações estrangeiras e o proprio imperador e sua familia se assentavam, chamava-se *podium*, e era levantada sobre a muralha que cingia a arena a 22 palmos de altura, e ainda assim defendida com um parapeito *(lorica)* para a pôr a abrigo das feras; mas para maior segurança, a arena era cercada de grades de ferro *(ferreis clathris)*, e de uma especie de canal ou grande valla *(euripo)*.

Os *equites* ou cavalleiros tomavam assento na galeria immediata; o povo occupava todos os restantes logares *(popularia)*. As entradas para estes logares denominavam-se *vomitoria*, e eram em numero de sessenta e quatro; *scala* ou *scalaria* os pontos por onde se subia para as differentes galerias.

N'este amphitheatro accommodavam-se não menos de 80:000 a 90:000 espectadores!

Foi o Colysseu em parte destruido por occasião da tomada de Roma pelos barbaros. Entretanto o que resta é sufficiente para avaliar da grandeza e magnificencia da obra. « Ao pé do Colysseu, diz Goethe

(1) todos os monumentos de Roma parecem pequenos; e quanto mais vezes se visita, mais vasto parece. Ha uma pequena capella no Colysseu, e faz-se a via sacra na *arena;* assim aquelle logar está hoje sanctificado, e o monumento faustoso do paganismo é para os christãos objecto da mais alta veneração como o theatro do martyrio de tantos que alli pereceram por confessarem a fé.

D. ANTONIO, PRIOR DO CRATO.

Singular, mas nobre e bravo prototypo dos pretendentes ousados, personagem de alta importancia historica, que occupa logar distincto não só nos nossos annaes, mas tambem nos da França e da Inglaterra, D. Antonio, prior do Crato, podia servir de fundamento a um dos mais interessantes capitulos da historia geral da Europa no XVI seculo, e até de assumpto a um estudo completo, que emparelhasse com a historia de Antonio Perez, escripta recentemente por M. Mignet, se succedesse que a habilidade do escriptor condissesse com a riqueza do sujeito.

Não ousaremos dar tamanhas proporções a este trabalho, que por ventura não póde passar agora de introducção e preliminar a outro maior.

Antes de tudo, algumas palavras que expliquem o parallelo que fôra facil fazer entre os dois grandes destinos historicos do prior do Crato, e do ministro hespanhol de Filippe II.

Não são muitas as pessoas na peninsula hispanica, ou fóra d'ella, que sabem quem fosse D. Antonio, corajoso, persistente, activo pretendente á successão da coroa portugueza depois da perda de D. Sebastião em Africa, e da morte do cardeal-rei. Mas, o que sobre tudo o torna mais notavel é a sorte que lhe cabe, como a Antonio Perez, de ser victima predilecta de Filippe II, perseguido sem tregoas pelo seu odio ambicioso e vingativo, encontrando sempre e a cada passo emboscadas hespanholas e mãos armadas por Filippe, ou se retirasse humildemente a França, ao asylo que a rainha Catharina de Medicis lhe dava na aldeia de Ruel, perto de Paris, ou procurasse refugio em logares mais seguros, n'um castello fortificado do Poitou, na Rochella, depois na Inglaterra, depois na Hollanda.

Aqui é o punhal de Salcedo (2) que não procura feril-o menos que ao duque de Alençon, outro rival temido de Filippe II; alli é uma declaração d'este rei, que põe a preço a cabeça do prior do Crato por oitenta mil ducados, como o declara uma passagem da *Historia universal* de d'Aubigné; (3) d'outro lado, seguindo documentos conservados nos archivos de Simancas, apparecem cartas expedidas por Filippe II aos seus espiões de Paris, para que obtenham da rainha-mãe, que lhe entregue o prior « cousa importante ao meu serviço » diz elle; (4) cartas escriptas pelo mesmo rei ao papa, com o mesmo fim de alcançar « o bastardo reprovado. » (5)

Em fim, até entre seus proprios criados apparecem espiões e assassinos comprados pelo rei de Hespanha, quando vive refugiado em Londres. Lingard diz positivamente, que dois portuguezes do sequito de D. Antonio infundem suspeitas ao conde de Essex, e são presos por quererem tentar contra a vida do prior, e de Antonio Perez, que n'essa mesma epocha tambem se refugiára em Londres, e recebia da rainha Isabel a mesma hospitalidade. (1)

Por este ultimo facto, pondo mesmo de parte os anteriores, se vê qual communhão de infortunio havia entre D. Antonio e Antonio Perez, e quanto seria interessante patentear com todo o desenvolvimento historico a vida do primeiro, já que a do segundo foi admiravelmente escripta por um distincto historiador francez. Assim teriamos dois livros convergentes ao mesmo fim, esclarecendo um mesmo ponto, mostrando Filippe II, homem todo fel, e todo colera sombria, qual era nos dois odios politicos que mais lhe agitaram a alma, e preoccuparam a vida.

Não tomaremos aqui D. Antonio desde o nascimento. Companheiro d'armas do heroico e infeliz D. Sebastião na fatal jornada de Alcacer-quibir em 1578, ficou captivo entre mouros. Já então vigilante e habil, obteve a liberdade pelo mais habil e mais legitimo dos estratagemas, que, entre outros historiadores, Amelot de la Houssaye nas suas *Memorias*, t. II, pag. 726, conta assim: — « . . . . Um dia, entretendo-se com elle o mouro que o captivára (sem duvida para saber sua qualidade), perguntou-lhe que significava o signal que trazia sobre o vestido. Respondeu-lhe com muito espirito e bom senso, que era distinctivo de um pequeno beneficio ecclesiastico que tinha, mas de que ia ser destituido pelo papa no mez de janeiro proximo, porque não residia na sua egreja, o que lhe tiraria para sempre os meios de pagar o seu resgate. A verosimilhança d'esta mentira sobresaltou o mouro, e fel-o resolver a contentar-se com a somma de dois mil cruzados; ao passo que, se tivera sabido que o prior era filho de um infante de Portugal, primo de D. Sebastião, sobrinho do cardeal-rei, e possuidor da mais rica commenda d'este reino, teria pelo menos pedido cincoenta mil ducados, porque a commenda do Crato, pertencente á ordem de S. João de Jerusalem, valia n'aquelles tempos vinte e cinco mil ducados de renda, e n'ella foram providos, depois da evasão de D. Antonio, o cardeal archiduque Alberto, sobrinho de Filippe II, assim como o cardeal infante D. Fernando, irmão de Filippe IV, rei de Hespanha, que a possuiu com a abbadia de Alcobaça, em Portugal. »

Só depois é que D. Antonio declara as suas pretenções mais ou menos legitimas á successão do cardeal-rei, que, segundo as palavras de Voltaire no cap. 165 do *Ensaio sobre os costumes* « . . . . não reinou senão para ver discutir juridicamente diante de si qual seria seu herdeiro. Morreu logo. Um cavalleiro de Malta, D. Antonio, prior do Crato, quer succeder ao padre-rei, que era seu tio paterno, ao passo que Filippe II só era sobrinho de D. Henrique pelo lado de sua mãe. O prior passava por bastardo, mas apregoava-se legitimo. Nem elle nem o papa herdaram; e o ramo de Bragança, cujas pretenções pareciam justas, teve então a prudencia ou a timidez de não as fazer valer. »

As pretenções do prior do Crato cederam á brutal razão das armas de Filippe II, devendo por ventura ceder á razão mais eloquente e não menos forte dos direitos da casa de Bragança.

(1) *Aus meinem Leben, von Goethe.* Tubingue 1811-1822.

(2) No *Discurso tragico e verdadeiro de Nicolau Salcedo* sobre o envenenamento tentado por elle na pessoa do senhor duque de Brabante, d'Anjou, e d'Alençon, irmão do rei, com os julgamentos e sentenças dados contra elle, em razão das quaes foi executado á morte em Paris em 25 de outubro 1582; documento annexo por Lenglet Dufresnoy ás *Memorias de l'Estoile*, t. III, pag. 230 - 244, diz-se summariamente a pag. 234, que Salcedo tentou duas vezes contra D. Antonio: « Mais n'a toutefois le Seigneur Dieu voulu laisser achever . . . . les deux pratiques sur la personne du Roy Don Antonio. »

(3) 1616 in-fol, t. II, pag. 465.

(4) Escrevia a Juan Bautista Taxis: « Fallae á rainha mãe, e procurae por « toda a especie de meios obter que vol-o entreguem; o que é cousa importante « ao meu serviço. » Archivo de Simancas. A, 55, 24, 25.

(5) « . . . . Faça vossa santidade diligencias junto a Henrique III, e a Catharina, para que deixem a causa d'este bastardo reprovado. » Arch. de Simancas, A, 55, 69.

(1) Foi por instigação de Perez, que o conde de Essex fez interrogar o medico judeu Lopez, assim como Ferreira, e Luiz « dois portuguezes do sequito de D. Antonio. » 1594. Lingard, *Historia de Inglaterra*, t. VIII, pag 441. — « Ferreira confessou que incitado por Lopez escrevêra a Ibarra, e a Fuentes, ministros de Hespanha, para lhes propor o envenenamento da rainha Isabel, mediante 50.000 coroas; e Luiz que viera a Londres para compellir Lopez a cumprir a sua promessa. » *Obras* de Bacon (1802) t. II, pag. 106.

Filho natural do infante D. Luiz, duque de Beja, e por consequencia neto do rei D. Manoel, a mãe de D. Antonio, Violanta Gomes, chamada a *Pelicana*, passava por ser judia, e alguns historiadores o dizem. Entretanto parece que era convertida, porque D. João de Castro, diz que era — « dama humilde por nascimento, mas de rara belleza, e que morreu professa no mosteiro d'Almoster. » Uma tal origem devia ser prejudicial a D. Antonio. Succedeu, comtudo, que d'ella mesma tirou vantagem, porque, como escreve Houssaye: — « Era por esta razão que todos os judeus de Portugal se interessavam na sua legitimação, para o tornarem capaz de succeder na coroa depois da morte do cardeal-rei D. Henrique, seu tio; pois entre elles tinha grande numero de parentes do lado de sua mãe. »

Ás pretenções de D. Antonio seguem-se intrigas, desgraças, processo dos seus direitos e da sua bastardia. Chegam a proscrevel-o; mas elle procura revolucionar o povo, entre o qual estão sobre tudo os seus partidarios. Vem então as publicações e satyras que o tomam por objecto, os tumultos de Coimbra, as tentativas do cardeal La-Garde para o fazer rei, e, como o declara Conestaggio, o pensamento que occorre aos seus sequazes de obterem a rescisão dos votos monasticos, para o fazerem desposar uma princeza da casa de Bragança, creando-lhe assim verdadeiros direitos.

A principio, quando D. Antonio viera do captiveiro, ainda o cardeal-rei o tratava com benevolencia, e lhe dava publicamente o titulo de sobrinho; mas bem depressa, cedendo a perfidos conselhos, recebidos sem duvida de Hespanha, mudou de sentimentos, e passou a ser com o prior tão severo, como já fôra indulgente. Chegou mesmo a redigir uma memoria, (1) com o fim de provar, que nunca o tratára como sobrinho, senão irreflectidamente, e sem suspeitar a importancia politica que D. Antonio attribuiria a isso. Fez mais: declarou-o bastardo por uma sentença, que D. Antonio fez annullar por um breve que pôde obter de Gregorio XIII, evocando a causa a Roma. — « O breve de Roma a favor de D. Antonio (diz o historiador Cabrera) annullava a sentença d'el-rei D. Henrique, que, com justiça, o declarava bastardo, e avocava a causa para si mesma. D. Henrique queixou-se altamente d'este breve, como de uma notoria affronta que se fazia a um rei justo, a um principe piedoso, a um cardeal que prestára grandes serviços á santa sé. Acrescentava que este breve era prejudicial ao rei catholico, ao socêgo da christandade, etc. » — La Houssaye acrescenta a tudo isto curiosos pormenores bebidos em escriptores hespanhoes e portuguezes. — « O prior D. Antonio (diz) fazia d'este breve escudo contra Filippe II, dizendo que o papa era o juiz natural das legitimidades; mas Filippe apresentava contra elle dois documentos que provavam invencivelmente a bastardia. Era o primeiro uma informação achada entre os papeis do cardeal-rei, pela qual o infante D. Luiz supplicava ao papa Julio III concedesse dispensa a seu filho D. Antonio para poder tomar ordens sacras, supplica que não necessitaria fazer, e não teria feito, se D. Antonio fosse legitimo. O outro documento era uma carta original, guardada pelo secretario d'estado Bartholomeu Froes, contendo a ordem dada por el-rei D. João III a Lourenço Pires de Tavora, para negociar em Inglaterra o casamento do infante D. Luiz, seu irmão, com a princeza Maria, filha de Henrique VIII, aquella que foi depois rainha, e casou com Filippe, principe, e mais tarde rei de Hespanha: prova de que o infante não era casado com Violanta Gomes, como diziam os judeus.

(1) Ha d'ella copia na bibliotheca nacional de França, *fonds Saint-Germain* n.º 10,241.

Ajuntae a tudo isto que D. Antonio passára sempre universalmente por bastardo, e que o testamento de seu pae não o qualificava d'outro modo. »

As intelligencias do prior do Crato com a França foram entretanto grandes: eram frequentes as suas cartas para Catharina de Medicis, nas quaes a instruia dos receios que tinha, por ver que o cardeal-rei se unia a Filippe II contra elle; dando-lhe a conhecer a intenção de se ir estabelecer em França, no que testimunhava já pouca confiança no resultado das suas pretenções. Entanto a morte do cardeal-rei, e o concurso d'algumas circunstancias fortuitas, lhe permittiram levantar temporaria e altivamente a cabeça, e reentrar no grande combate que ia travar pela sua arriscada pretenção.

É n'esta epocha que D. Antonio realmente apparece como pretendente. Aproxima-se de Lisboa, querendo fazer sobre a cidade a primeira tentativa. (1) Antevê, porém, que contára demasiado com a sua popularidade, e retira-se a Belem. D'ahi passa a Almeirim, d'onde faz aos Estados do reino uma submissão fingida. D'Almeirim volta a Santarem, onde, ás intimações que lhe manda fazer Filippe II, responde com recusa formal. (2) Este acto de vigor tão inesperado da parte d'um homem, que até então consideravam irresoluto e sem caracter, provocou uma mudança nos espiritos, e um voto dos Estados a seu favor.

Se se penetra até ao fundo das cousas, descobre-se que as respostas de D. Antonio a Filippe II nem sempre tinham sido tão altivas: em 1579, M. Vivonne de Saint-Goard, escrevendo a Catharina de Medicis, dizia que se desconfiava de D. Antonio, por ter querido entrar em ajustes com Hespanha. Tres mil ducados de pensão, reversiveis em parte a seu filho mais velho, e o titulo de governador de Portugal, eram então as suas limitadas pretenções. Segundo la Houssaye, *Memorias historicas* I, 125, parece que se tentára ainda outro meio de ajuste. — « Correu boato (diz) que Filippe consentia, por um tratado feito entre ambos, que o prior reinasse toda sua vida, com a condição de se não casar, nem dispor da coroa a favor dos seus herdeiros, nem de qualquer outro. Pelo que um hespanhol disse espirituosamente, que isto era querer fazer do prior um ablativo absoluto, ou melhor um verbo impessoal. »

Se Filippe II recusou a primeira proposta, mais tarde, depois da morte do cardeal-rei, tentam-se novas negociações, e é do rei de Castella, temeroso da influencia do prior sobre o povo, que partem os offerecimentos. Cabrera na sua *Historia de Filippe* II confessa — « que D. Christovão de Moura offereceu da parte de Filippe a D. Antonio duzentos mil ducados sonantes para pagar suas dividas; cem mil ducados de renda, sómente durante a sua vida, para que não tivesse a commodidade de casar-se, e o titulo de duque, em logar do de principe que elle pedia, não querendo Filippe conceder-lhe titulo que parecesse deixar inferir que elle era legitimo.... » — O prior queria mais. A morte do cardeal-rei fizera crescer as suas pretenções. Pediu duzentos mil ducados de renda, que tanto era o rendimento dos infantes D. Luiz, seu pae, e D. Duarte, seu tio; as terras e rendas que desfructára a fallecida rainha D. Catharina, mulher d'el-rei D. João III; o governo de Portugal em vida, o grão-mestrado de S. Thiago, a nomeação do vice-rei das Indias, do governador do Brasil, e do capitão general d'Africa; mais a faculdade de dispor por sua morte e á sua vontade de

(1) *Unione del regno di Portugallo alla corona di Castiglia*, por Conestaggio Hieronymo Franchi, pseudonymo do *conde de Portalegre*.

(2) É Conestaggio que faz mais particular relação d'estes successos; mas, tão interessado como se mostra sempre a favor de Filippe II, deve ser lido e crido com prudente desconfiança. O que, por exemplo, diz da ordem que D. Antonio dera para o assassinato de Fernão de Pina, tem cheiro de calumnia.

cem mil ducados de renda. Filippe II fingíra consentir n'isto a principio; mas o prior, que se não enganava com este assentimento simulado, fez-se acclamar rei em Santarem. Não tendo transpirado cousa alguma das suas negociações secretas, a resposta que déra ás intimações de Filippe, rejeitando-lhe obediencia, foi olhada por todos como honrosa, e rasgo de heroismo. Com ella se suspenderiam naturalmente todos os ajustes propostos até alli.

D. Antonio é em fim acclamado rei.

Conestaggio dá falsos pormenores ácerca d'esta acclamação. Conta primeiro como querendo o prior do Crato fundar uma fortaleza para resistir ás tropas de Filippe II, fôra em 19 de junho 1580 fazer oração a uma capella da villa. Continuando, exprime-se assim: — « Mal tinha começado a ceremonia, quando Antonio Baracho, homem audaz, levantando um lenço na ponta d'uma espada, gritou: *Viva D. Antonio rei de Portugal!* ao que se seguiu grande rumor e grandes gritos da multidão, que para se defender dos que não fossem d'esta opinião, ou por um certo cavalheirismo, arrancou das espadas. Então D. Antonio, affectando modestia, ou, melhor, arrastado pela sua irresolução, gritou: *Não, não*, e adiantou-se um pouco, como para fazer calar o povo. Pedro Coutinho, capitão d'aquella villa, encolerisado, quiz tambem impedir os gritos, dizendo que o prior não desejava ser chamado rei; mas isto não serviu de nada, porque Baracho apontando contra o capitão uma pistolla que trazia, o fez calar, e D. Antonio, ou fosse por ver tantas espadas desembainhadas á roda de si, ou por se mostrar assim por tal dignidade, concebeu temor. Estava receioso e tremulo, do que dava aos seus evidentes signaes. Quando o ajudavam a montar a cavallo, tropeçando este ao primeiro passo, em signal de máo agouro, esteve a ponto de cair. Toda a nobreza que com elle estava o seguiu a pé, com a cabeça descoberta como diante de rei. »

O sr. Fernando Diniz refuta assim o que n'isto póde haver de erroneo: — « Não só a acclamação solemne de *Real, real para Portugal* foi pronunciada n'esta occasião, mas os actos escriptos, que davam a coroa ao grão-prior, foram assignados pela nobreza e pelo povo. Por isto se vê que não era sem algum fundamento que D. Antonio usava do titulo de rei no exilio; fôra rei como o tinha sido D. João I, pela vontade do povo: para conservar a coroa só lhe faltára um dia glorioso como o de Aljubarrota. »

De Santarem, sem perder um instante, marchou sobre Lisboa, reservando para mais tarde occupar-se dos governadores, que não tinham querido prestar assentimento á sua eleição, e se conservavam em Setubal, promptos á revolta. D. João Tello, pela sua parte, quer defender-se em Lisboa; mas á proporção que D. Antonio se aproxima, modifica a sua resistencia.

Quando o prior bate ás portas da capital já D. João Tello de Menezes consente em recebel-o, se não como rei, ao menos como defensor do reino. D. Antonio prefere entrar como rei... Os que o recebem com este titulo, se não são poucos em numero e estão unanimes, póde ao menos dizer-se que não são de muita consideração; um unico vereador vae ao encontro do prior: tudo o mais é povo. Mulheres sobre tudo são em grande numero, e cheias de enthusiasmo. Conestaggio conta, que se viam as padeiras formadas em esquadras militares, passeiando pela cidade em boa ordem, levando cada uma sua pá ao hombro — recordação da batalha d'Aljubarrota, na qual, Brites d'Almeida, armada só com aquelle utensilio, derrotára seis castelhanos. Mas isso não passou d'uma dança festiva com que algumas moças receberam em Lisboa D. Antonio, na sua volta de Setubal. (1)

O pomposo panegyrico com que o doutor Manoel da Fonseca Nobrega veiu saudar o novo rei, indemnisou-o da pouca estima que n'esta occasião lhe testimunharam clero e nobreza. Uns e outros se tinham abertamente declarado contra elle, e até contra a duqueza de Bragança, cedendo á proposta de ajustes com Hespanha, proposta que o cardeal-rei lhe fizera nas cortes d'Almeirim em 11 de janeiro 1580. « O clero, calculando o passo (diz Agostinho Liaño), (2) consentiu logo: a nobreza, inda que mediante largos debates, acceitou tambem o projecto: mas os representantes do povo resistiram a todas as seducções e terrores, preferindo seguir os sentimentos que o orgulho nacional sempre faz nascer. » — Póde ler-se n'um manuscripto, que se conserva n'uma bibliotheca de França (3) a allocução dirigida aos gentis-homens, por Martim Fernandes, sapateiro, e Antonio Pires, oleiro, ambos *mestres na cidade de Lisboa*, para os restituir ao sentimento da causa nacional, e ao odio da dominação estrangeira. O sr. Fernando Diniz, que cita esta falla generosa, escreveu ácerca d'ella com tanta eloquencia como razão: — « A resistencia estava no seio do mesmo povo, no fundo d'esses corações que viviam das recordações d'uma gloria passada, e se sentiam dispostos ao sacrificio da sua existencia, para exaltar ainda o principio da nacionalidade. A velha independencia do paiz quasi se convertêra em religião. » (4)

Seguiu-se logo a acclamação de D. Antonio, em Lisboa, a que assistiu o embaixador de França, que por este meio o reconhecia tacitamente, e fazia renuncia implicita dos direitos que a casa de França pretendia ter sobre Portugal. (5)

(*Continúa*).

ENIGMA PITTORESCO.



(1) Damião Antonio de Lèmos Faria e Castro. *Historia geral de Portugal*, XVII, 284.
(2) *Repertorio portatil da historia de Hespanha e de Portugal*. II, 566.
(3) Bibliotheca nacional, *fonds St. Germ.*, n.º 10, 241.
(4) *Portugal* (na collecção do *Universo Pittoresco*) 296.
(5) Visconde de Santarem, *Quadro Elementar*, III, 486.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B